

Andrade revisitado

As propostas para o edifício da Fiat na rua Latino Coelho Contexto e apontamentos

José Manuel Pagés y Madrigal, DOUTOR ARQUITECTO

RESUMO

O artigo apresenta a figura de Artur Andrade e a sua geração nos contextos mais próximos. Se a cidade de Braga foi proposta como alternativa à Dubrovnik para a celebração da X edição do CIAM, representando deste modo uma oportunidade uma maior ligação da sociedade portuguesa aos CIAM, o primeiro projecto do edifício de Latino Coelho reflecte uma alternativa séria para novas perspectivas urbanas que foi apagada pela segunda proposta mais convencional. Era uma possível aproximação maior do autor perante alguns dos princípios do movimento moderno. Duas propostas em planos diferentes do que poderia ter sido e certamente não foi.

PALAVRAS-CHAVE

CIAM, ODAM, Porto, morfologia urbana, Latino Coelho.

ABSTRACT

This article tries to connect Artur Andrade and his generation to its encircling contexts. Braga was proposed as an alternative to Dubrovnik for the celebration of the 10th edition of CIAM. It could have been an opportunity to bring the portuguese society closer to CIAM. At the same time, the first proposal for Latino Coelho's building shows us a serious alternative for a new urban perspective, but it was lost on a more conventional second proposal. It had been a possible personal approach of the author to some of the principia of the Modern Movement. Two proposals in different level – what could have happened but really did not.

KEYWORDS

CIAM, Porto, ODAM, urban morphology, Latino Coelho.

Um número monográfico da revista acerca da vida e obra de Artur Andrade pode ser uma oportunidade para reflectir acerca das circunstâncias que configuraram uma ocasião irrepetível no âmbito da cultura arquitectura internacional.

O CONTEXTO

Aos olhos do observador o período da cultura arquitectónica do período 1948–1953 acaba por ser *brilhante* no âmbito português. Trata-se dum “acordar” perante as atitudes gerais do exterior e acaba por ser vital o relacionamento com a cultura ocidental o que se reforça com a presença do arquitecto Viana de Lima nos seus contactos com o CIAM e com a presença bibliográfica da arquitectura brasileira em Portugal, como poderemos ver neste artigo.

Resulta inevitável a comparação com outros movimentos modernos da época, embora sujeitos a diversos condicionantes.

Se a O DAM¹ acaba por ser o elemento aglutinador de expressão e comunicação dos novos movimentos artístico-culturais com a sociedade portuguesa da época, na vizinha Espanha os movimentos de GATCPAC² e GATEPAC³ da década anterior (1930 e 1932, respectivamente) visavam objectivos muito similares aos expressados pela O DAM nos seus documentos. Estes movimentos morreram com a desapareição da segunda República em Espanha sendo o contexto socio-político muito mais favorável a aquilo que poderia encontrar o colectivo O DAM em Portugal.

O DAM acaba por ser parte de uma coincidência de objectivos e ideias com outros grupos de pensamento da época: ICAT entre eles. Em paralelo, a cultura do tempo da República espanhola conhece a coincidência coordenada de movimentos entre GATCPAC, GATEPAC, o grupo ADLAN⁴ e o grupo gerado na envolvente de Eduardo Westerdhal e a revista Gaceta de Arte em Tenerife. É conhecida a frase recolhida por M. Botelho⁵ pela qual “falar de arquitectura moderna é inevitavelmente falar de um problema político”.

De facto, a prova da perspectiva anterior é o conflito gerado pelo resultado do concurso de projectos para a sede

da Exposição Industrial Portuguesa de 1949, com o resultado da exclusão da proposta de Artur Andrade, por motivos políticos após ter-se anunciado a consecução do primeiro prémio.

Esse facto, como é sabido, poderia ser considerado um ponto de referência do movimento grupal do colectivo de arquitectos, o que fica patente na carta de apoio assinada em 22 de Agosto de 1947, e publicada pela revista “Arquitectura” por um colectivo de 34 arquitectos de Lisboa.

Em quaisquer dos casos, parece comprovada a coincidência ideológica em termos de Arquitectura e quase geral em termos de pensamento político ainda que com claras excepções⁶

Chama a atenção a separação destes movimentos no tempo. Numa época onde a globalização faria impensável esta dilatação no tempo, devemos lembrar que este desfasamento poderá ter sido devido a diversas causas: O isolamento político de Portugal, perante o contexto político desenvolvido no decorrer da Guerra Civil Espanhola (1936–39) a posterior II Guerra Mundial (1939–45) e a paralização cultural que houve na Europa fundamentalmente por causa da inactividade cultural da época. Em contraposição, as manifestações modernistas da cultura e arquitecturas brasileiras chegavam por vezes através das publicações nacionais:

A revista “A arquitectura portuguesa” publicava em 1937 o anteprojecto de novo Ministério de Fazenda” projecto que não seria depois executado.⁷

Ana Vaz Milheiro refere na sua obra: “*As coisas não são que parece que são*”⁸:

“O catálogo Brazil Builds – Architecture New and Old 1652–1942 e as revistas brasileiras entram nos ateliers portugueses, juntando-se a outras publicações internacionais.”

A intervenção no primeiro congresso Nacional de Arquitectos de 1948 resume os pontos fundamentais deste discurso, onde se repetem temas tratados pelo GATEPAC através da sua revista “oficial”, “*Documentos de actividad contemporânea*” que apresenta muitas vezes análogas preocupações:

o problema da habitação, implicitamente, o problema da saúde e higiene urbanas, as preocupações por um equilíbrio territorial.

Os pontos de referência com o exterior, acabam por ser os mesmos; Le Corbusier, CIRPAC, CIAM, mas em períodos históricos diversos. GATEPAC relaciona-se com CIAM numa altura em que o discurso da cidade e o território são objecto de discussão no seio dos congressos do CIAM, mais especificamente, no congresso de Barcelona. As novas funções territoriais, a nova cultura arquitectónica sobre a qual assentasse o discurso funcionalista da época contrastam plenamente com a fase de clausura dos CIAM.

Neste contexto a figura de Viana de Lima cobra um certo protagonismo. Em 1951 este arquitecto foi convidado para participar no VIII CIAM e foi nomeado por Sert e Giedion delegado do CIAM para Portugal, promovendo posteriormente um grupo de trabalho formado por mais sete arquitectos.

Este arquitecto teve uma participação activa no âmbito CIAM. A documentação existente da secção belga do CIAM (1928-58), e constante no Getty Research Institute, recolhe o envio da grelha preparada pela secção portuguesa em 26 de Julho de 1955 para eventual crítica da parte do resto de secções nacionais. Esta actuação não foi isolada. Assim, este arquivo conserva uma pasta com o relatório deste arquitecto datado em 29 de Junho de 1955 onde recolhe um resumo da reunião do CIRPAC de 4 de Julho de 1955, e uma crítica dos métodos de trabalho no interno do CIAM, sugerindo o adiamento do X CIAM previsto inicialmente para 1955. Posteriormente a proposta de Viana de Lima, acaba por propôr em 4 de Julho deste ano uma grelha de consenso, em função das diversas grelhas de trabalho existentes. Será, finalmente, na reunião de Sarraz entre os dias 8 e 10 de Setembro de 1955 quando se define o local para celebrar o X CIAM: Dubvronik, sendo a cidade de Braga a alternativa.⁹ Nesta edição foi apresentada uma tese sobre a recuperação duma comunidade no nordeste trasmontano, da autoria conjunta de Fernando Távora, Viana de Lima e Octávio Filgueiras.

Viana de Lima participa posteriormente no XI CIAM, (1959) que marcará o final dos CIAM. Este encontro, celebrado no

museu de Henry van de Velde, o Kröller-Müller Museum, serviu para o arquitecto Viana de Lima apresentar o seu projecto do Hospital para Bragança, juntamente com Josep Coderch, Jerzy Soltan, Radovan Niksic, Fernando Távora, Wendell Lovett e Kenzo Tange.

Tratava-se do epílogo dum ciclo, do fecho duma visão modernista.

A cultura arquitectónica tornava os seus olhos para visões mais localistas, que eram mais defendidas por Fernando Távora, apesar deste Mestre se ter inscrito no ODAM.

Esta visão permitiu entrever as relações do colectivo de vanguarda dos arquitectos portugueses da época: tentativas de inserção no Movimento, que com os esforços de diversos arquitectos, nomeadamente Viana de Lima, permitiram considerar a via portuguesa como alternativa para as dificuldades previsíveis para poder decorrer a reunião em Dubvronik.

Seria de interesse, num estudo geral da vida e obra de Artur Andrade, as relações pessoais que poderiam existir entre este arquitecto e os representantes de Portugal nos CIAM. Deste modo se permitiria estabelecer se a relação intelectual entre o Movimento Moderno e Artur Andrade foi apenas uma comunhão de ideias através das publicações da época ou houve na verdade maiores ligações. Uma pesquisa aprofundada neste sentido no eventual espólio documental de Artur Andrade ou de Viana de Lima poderia fornecer alguma informação valiosa neste sentido.

AS PROPOSTAS PARA O EDIFÍCIO DA FIAT NA RUA LATINO COELHO

Artur Andrade segue, neste sentido uma evolução característica da época, em sintonia com o desenvolvido por tantos outros arquitectos.

Os seus primeiros projectos deixam entrever, já no ano 1948 a sua capacidade para resolver determinadas escalas que afectam ao âmbito do urbano: O seu projecto para a Exposição Industrial Portuguesa de Porto (nunca edificado pelas

razões já expostas) e a sua actuação na rua Latino Coelho são claras referências à mudança de escala dos seus trabalhos. Nesta mesma linha pode-se inscrever o impacte provocado pela presença do cinema Batalha, projecto destes primeiros anos de produção profissional, entre 1942 e 1945¹⁰, ainda que inaugurado em 1947.

No primeiro caso, trata-se de uma escala inusual, mas um projecto de grande impacte social e urbano no Porto. A própria apresentação do projecto reflecte esta situação, sendo um leit motiv (esta escala) dos placards que permitem visionar a importância da proposta na e com grande reflexo na comunicação social da época.



Figura 1 – Edifício na rua Latino Coelho. Fotografia do autor

No segundo caso, sublinhamos a capacidade de ser a iniciativa privada, ainda que neste caso, devidamente “contaminada”, a assumir a perspectiva do urbano como compromisso social:

A ideia de ser a cidade um organismo vivo que não é pensada só pela Administração, mas sim com o apoio e colaboração dos seus cidadãos, é implícita por várias vezes na memória deste projecto.

A prosa utilizada pelo co-autor do projecto é certamente inusual, tentando confrontar ao leitor com possíveis soluções aos problemas suscitados através duma série de questões: os desníveis entre os terrenos a a rua, a largura da rua perante uma nova ideia de cidade para Porto, a lógica das tipologias de habitação... Tais temas são apresentados no decorrer desta memória, sendo respondidas quer com os

argumentos literários, quer com a mesma proposta gráfica projectual.

O prédio que finalmente foi edificado não se corresponde com a primeira proposta apresentada, sendo esta claramente mais interessante que a proposta finalmente aprovada. A primeira das propostas questionava a implantação de tipologias de moradias unifamiliares em banda na cota dos passeios da rua, levando seis destas moradias a serem implantadas nos níveis superiores da proposta, sobre os três pisos de garagens inicialmente projectados.

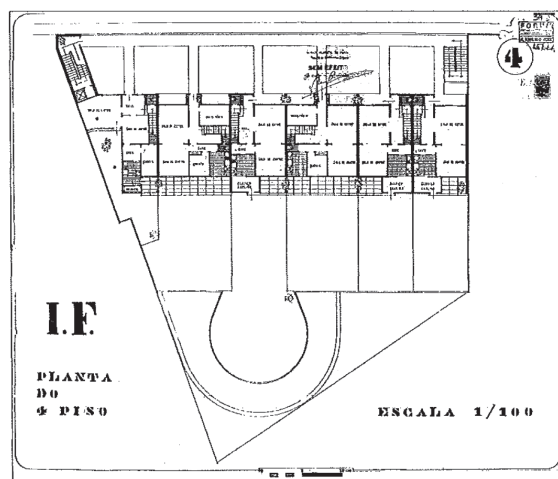
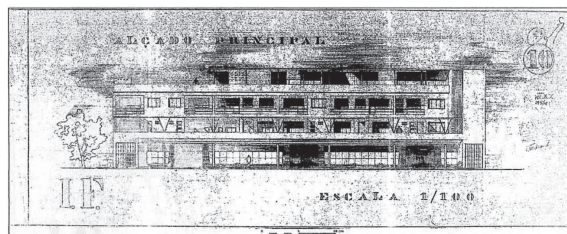


Figura 2 – Primeira proposta. Plantas das áreas de habitação. Fonte Arquivo Municipal de Porto

O recuo na fachada à rua Latino Coelho e a aparição de jardins frontais acrescentava mais um ponto singular no projecto inicialmente proposto. Uma sétima habitação aparecia parcialmente sobre estas moradias, ocupando deste modo parte da cobertura.

Dois corpos de escadas laterais ladeavam o conjunto habitacional rematando a volumetria proposta.



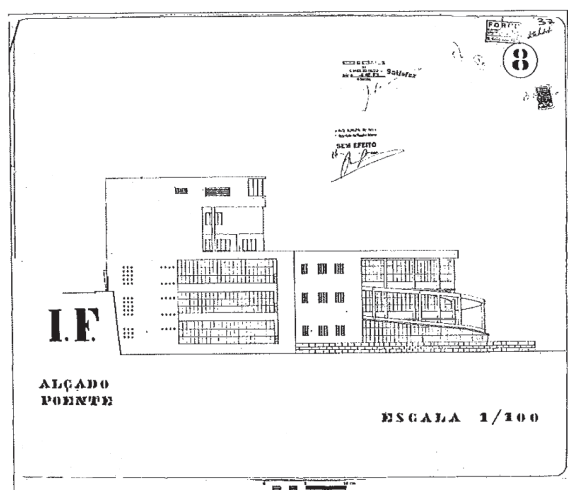


Figura 3 – Alçados Norte e Poente da primeira proposta. Fonte: Arquivo Municipal de Porto

O sentido da oportunidade, a dialéctica entre o construído e a cidade, a consideração da cidade como concatenação entre vazios e cheios, são elementos por vezes inusuais neste tipo de elementos de projecto. Deste modo Artur Andrade refere diversos aspectos dignos de sublinhar:

A. – A DIMENSÃO DA ACTUAÇÃO PROPOSTA

Trata-se duma actuação que decorre numa fachada de 51 metros, como elemento singular, e inusual deste tipo de actuações.



Figura 4 – Fachada principal. Fotografia do autor

B. – O IMPACTE DA PROPOSTA NA ESCALA URBANA

O autor refere a oportunidade que implica poder resolver um problema topográfico através duma única actuação unitária. Em paralelo, relembra ao leitor a possibilidade de poder fornecer à cidade de Porto de novas perspectivas urbanas mais perto do conceito de Porto como grande cidade. O último elemento, seria a necessidade de ganhar vazios neste tipo de propostas, assumindo o recuo do edificado como estratégia para sublinhar o eixo de Latino Coelho como elemento conformante que deve colaborar na visão de Porto como uma grande cidade moderna.



Figuras 5, 6 e 7 – Corpo de rampas da área de oficina. Fotografia do autor. (fotografias 003-004(ou 04)-007 em arquivo anexo)

Na consecução deste impacte visual urbano colabora a implantação do corpo de escadas lateral direito na fachada principal, que tenta equilibrar o domínio horizontal da composição.

C. – O CONTRASTE ENTRE AS REALIDADES AGRÍCOLA E INDUSTRIAL

A cidade de Porto continua a oferecer ainda hoje esta dupla face de “cohabitação” entre formas industriais que coabitam num contexto de topografia geralmente “inquieta”, com determinadas características agrícolas. As ilhas aparecem no panorama tipológico arquitectónico como elemento intermédio para preencher um cadastro que reflecte a existência de hortas urbanas no interior duma cidade de Porto que assume a sua condição de “motor” económico nacional.

Numa fase posterior, os modelos cooperativos de habitação, quer unifamiliar quer plurifamiliar, substituem parte de casario tradicional de finais do XIX–primórdios do sec. XX.

As novidades da proposta para Latino Coelho acabam por ser a capacidade de propôr uma nova forma de gerar cidade, a mudança na escala, a separação absoluta funcional entre r/c e resto do edificado.

Dentro do mesmo processo, posteriormente é apresentado um aditamento onde todas estas ideias desaparecem. O pedido de licenciamento finalmente assume a ideia convencional de cidade, desaparece a proposta experimental da implantação de moradias unifamiliares em banda em altura e os recuos em fachada. Uma distribuição convencional de tipologias de habitação multifamiliar acaba por ser definitivamente edificada após a sua aprovação parcial em 22 de Agosto de 1951.¹¹

A mistura dos sistemas estruturais acaba por ser abandonada, sendo neste caso edificado um prédio em betão armado sendo de este modo solidárias ambas estruturas, na sequência dos condicionantes impostos pelas necessidades funcionais dos pisos de garagens.

Na proposta edificada, a liberdade de circulações através do jardim em fachada principal desaparece, o que obriga a uma localização dos corpos de escadas das habitações mais central.

A horizontalidade na composição e o impacte visual seguem patentes na proposta ainda hoje. A diferença de cotas no terreno, e a visão desde as traseiras contribuem em grande medida.



Figuras 8, 9, 10 – Vistas do edificado, conforme segunda proposta. Fotografias do autor.

A obra em questão inscreve-se na série de edifícios que no decorrer da primeira metade do século XX tentam de compatibilizar a irrupção do carro e as suas tecnologias e funcionalidades com o fenómeno de habitação colectiva. A cidade de Porto não é alheia a este fenómeno.

Assim, Porto conhece anteriormente dois edifícios construídos que tentam de misturar estas funções: A garagem de "O Comércio do Porto", na praça Filipa de Lencastre, obra de Rogério de Azevedo entre 1928 e 1932, e a Garagem de Passos Manuel, 178, obra de Mário Abreu em 1937. No primeiro dos precedentes já se desenvolve a ideia da rampa em curva, elemento de forte carácter plástico, embora com uma visibilidade mais limitada que no caso de estudo.

O edifício da Fiat na rua de Latino Coelho acabará por ser lembrado fundamentalmente por duas razões: Por aqui-lo que poderia ter suposto no caso de ter avançado a primeira proposta apresentada para licenciamento e pelo seu impacte visual na escala urbana. Merecerá um estudo mais aprofundado a análise das razões que impulsionaram o conjunto de alterações.

BIBLIOGRAFIA

Botelho, M. (1987). Os anos 40: a ética da estética e a estética da ética. In: *rA – Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, Porto, FAUP, 1, 0.

Milheiro, A. V. (2008). As coisas não são que parece que são. In: *Opusculo 15 – Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura*. Porto, Dafne Editora, p.5.

SILVA, P. S. (2008). *Obra e vida de Artur Andrade*, dissertação de licenciatura em Arquitectura e Urbanismo apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa. [em linha] disponível em <http://hdl.handle.net/10284/1186> (consultado em 31 de Março de 2011).

AAVV. (1937). A arquitectura de hoje pelo estrangeiro. In: *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação, reunidas*. 3.ª série, n.º 25, Abril, pp. 29–34.

NOTAS

1. ODAM, Organização dos Arquitectos Modernos aglutinou aos principais arquitectos mais sensibilizados pelo desenvolvimento dos princípios modernos da Arquitectura no Norte de Portugal desde o ano 1947, formando parte como fundadores: Acácio Couto, Adalberto Dias, Agostinho Ricca, Anselmo Gomes Teixeira, António Corte Real, António Lobão Vital, António Matos Veloso, António Neves, Arménio Losa, Alfredo Ângelo Magalhães, Alfredo Viana de Lima, Artur de Andrade, Cassiano Barbosa, Celestino Castro, Delfim Fernandes Amorim, Eduardo Matos (estudante), Eugénio Alves de Sousa, Fernando de Campos, Fernando Eurico, Fernando Jorge Lanhas, Fernando Limpo de Faria, Fernando Távora, Fernando Tudela, (estudante), Joaquim Marques Araújo, João Archer de Carvalho, (estudante), João José Tinoco, João de Melo Breyner Andresen, João Segurado (estudante), José Borrego, José Carlos Loureiro, Luís José Oliveira Martins, Luís Praça, (estudante), Mário Bonito, Octávio Lixa Filgueiras, Pereira da Costa, Ricardo Gil da Costa, Rui Pimentel. Inês Lima Rodrigues, refere nos seus trabalhos textualmente "Geralmente denominada Pela Organização dos Arquitectos Modernos, também houve referência como sendo a Organização em Defesa de uma Arquitectura Moderna..." v. nota de rodapé 4 de pagina 44 do trabalho "Quando a Habitação Colectiva era Moderna. Desde Portugal a outros territórios de expressão portuguesa. 1940–1974" no âmbito do programa de doutoramento do Departamento de Projectos Arquitectónicos da ETSAB–UPC–Barcelona, 2009.
2. GATEPAC são as siglas do *Grup d'arquitectes i tècnics catalans per al progrés de la Arquitectura Contemporànea* criado em 1930 sendo os arquitectos Sert, Torres Clavé e Subirana os seus principais impulsores
3. GATEPAC constituiu a versão espanhola do grupo anterior, sendo a figura de García Mercadal em Madrid e Aizpurúa e Labayen na secção Norte os membros mais activos.
4. ADLAN: Grupo Amics de l'Art Nou, fundado por Joan Prats
5. BOTELHO, M., *Os anos 40: a ética da estética e a estética da ética*, *rA – Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, 1, 0, 1987.
6. São os casos de Aizpurúa na secção norte de GATEPAC e o arquitecto Artur Andrade no âmbito do ADLAN
7. Vide *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação, reunidas*, n.º 25, Abril 1937 – 3ª Série, pp. 29–34.

8. In Opusculo 15– *Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura* – pag 5, Dafne Editora, Porto, ISSN 1646–5253 Novembro 2008
9. No encontro de Paris de 4 de Julho de 1955 deste organismo, a primeira escolha para a celebração do congresso foi Argel, estando já presente Viana de Lima. Posteriormente na reunião no castelo de Sarraz entre os dias 8 e 10 de setembro optou-se por razões económicas pela proposta de Dubvronik e, em alternativa foi decidido que seria Braga, na hipótese de existirem problemas com a cidade croata.
10. O processo do projecto do cinema Batalha foi algo prolongado. A primeira proposta projectual, a nível de anteprojecto, foi realizada em 1942. Justificou-se uma segunda proposta por ter-se detectado problemas funcionais, como se refere nas páginas 1 e 3 da memória do projecto. Esta segunda proposta foi desenhada em setembro do ano 1944 e a aprovação do subsequente processo [148/45] chegou em data de 21 de Abril.
11. Esta data aparece na folha número 76 do processo 609/51, definindo uma parte do projecto já aprovada. A aprovação final viria a produzir-se posteriormente sendo a partir de 1952 quando o edifício foi construído conforme as alterações apresentadas.